

# APRESENTAÇÃO

Neste número 29, a *Itinerários* presta homenagem a Machado de Assis, cujo centenário da morte comemorou-se em 2008. Nesse mesmo ano, foi celebrado o centenário de nascimento de Guimarães Rosa, escritor sobre o qual esta revista de literatura publicou um número em 2006 em comemoração ao cinquentenário de *Grande sertão: veredas* e de *Corpo de baile*. No ano passado, como era de se esperar, houve muitas atividades acadêmicas ou não relativas aos dois autores, em especial, a Machado de Assis. Em virtude da coincidência de datas, um ou outro evento reuniu Machado de Assis e Guimarães Rosa. O acaso reúne os dois maiores prosadores brasileiros, representantes de dois momentos revolucionários da nossa literatura.

Neste momento, a *Itinerários* publica nove artigos sobre o escritor de 17 recebidos. Publica também dois artigos na seção *Vária* e duas resenhas.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos colegas que atuaram como pareceristas neste número.

Os dois primeiros artigos versam sobre as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, apresentando visões diferentes sobre o mais notável dos romances de Machado de Assis. Em primeiro lugar, Maria Celeste Tommasello Ramos em “A paideia machadiana nas *Memórias póstumas*: de Aquiles a Brás Cubas”, como diz o título, trata da relação intertextual entre o romance e outros textos, sobretudo a *Iliada*, mas também Shakespeare, mostrando que os mitemas são, no romance machadiano, apequenados, de modo que “a paideia machadiana consiste no transformar o leitor de disponível a crítico”.

Rodrigo Guimarães em “*Memórias póstumas de Brás Cubas*: a errata pensante e a reescritura dos vermes” toma como base principal de seu estudo sobre a ironia nessa narrativa machadiana – “uma das marcas distintivas da literatura romântica e moderna” – reflexões de Kierkegaard em *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Para tanto, utiliza os conceitos de ironia inversa, ironia *humoresque* e ironia socrática que “devora tudo, ao mesmo tempo em que se renova constantemente”.

Já Marcos Aparecido Lopes investiga a representação do corpo feminino em *Quincas Borba*, analisando a personagem Sofia que, a seu ver, “encarna a dialética do ímpeto e da disciplina” em seu projeto de ascensão social e de reconhecimento pelos outros. Para esse exame, parte da noção de corpo “sem mácula” que, no romance em pauta, expressa a disciplina individual.

O romance *Dom Casmurro* é objeto do trabalho de Juliana C. Salvadori e Leocádia Aparecida Chaves. Mais precisamente, as autoras examinam o ritmo da narrativa que é mais pausada na primeira parte e mais rápida na segunda, cisão que

representa o verdadeiro intuito do romance: narrar a transformação de Bentinho em Casmurro, o que permite a pergunta: “[...] estava o Casmurro do Engenho Novo dentro do Bentinho de Matacavalos?”

Em seguida, temos o artigo sobre *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* – “Machado de Assis: representação literária do fim do Império” – de Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto. Nesse estudo, evidencia-se que crítica machadiana às relações sociais e de poder no que diz respeito especialmente à proclamação da República e à abolição da escravatura só aparentemente é comedida. A análise das escolhas estruturais – relativamente ao narrador e à focalização nesses últimos romances – revela a contundência crítica referente aos dois momentos de nossa história e às relações humanas de modo geral.

Com tais artigos encerra-se a parte que tem como *corpus* o romance de Machado de Assis e passa-se à leitura de dois de seus contos. Maria Heloísa Martins Dias em “A ‘Missa do galo’ na matriz e nas filiais” realiza estudo da retomada desse conto por Nélide Pinon, Lygia Fagundes Teles, Autran Dourado, Osman Lins, Julieta Ladeira e Antonio Callado. O artigo – por meio da análise de procedimentos estruturais e das imagens das narrativas resultantes dessas reescrituras – tem o intuito de estabelecer as relações de semelhança e diferença entre elas.

Outro estudo voltado para o conto machadiano é o de Sylvia Telarolli. Nesse artigo examina-se, como no caso do trabalho de Rodrigo Guimarães, a ironia de Machado de Assis, mas em “A causa secreta”. Todavia, a autora analisa nessa narrativa a ironia “[...] como modo de construção textual que leva à reflexão sobre a natureza e a função da literatura” a par da visão relativa à sociedade contemporânea do escritor e do homem de maneira geral. Conclui que as “[...] nuances irônicas incrustadas no texto insinuam a reflexão metatextual, reiterando a visão de um Machado bastante moderno”.

Este número sobre Machado de Assis contempla também sua poesia no texto “O caderno do mestre – exercícios de poligrafia” de Benedito Costa Neto Filho. O objeto desse estudo são as *Poesias completas* que foram editadas em 1901 a mando do próprio escritor. O artigo destaca alguns temas e características dessa diversificada poesia como o indianismo, o erotismo, a vida na corte, a erudição, a história, salientando, nesse caso, o poema “O Almada”. Esses temas e o modo de apresentá-los são confrontados com outras semióticas do mesmo século como as artes plásticas.

De volta à prosa, o texto “O século XIX sob o olhar machadiano” de Aurora Gedra Ruiz Alvarez estuda o processo intertextual de construção da paródia na crônica “O sermão do diabo”. O intertexto é “O sermão do monte” de Mateus. A desconstrução do texto bíblico torna o capitalismo e sua concepção materialista objeto da ironia machadiana.

Na seção Vária contamos com dois artigos que, como é de praxe, não dizem respeito ao tema geral deste número de *Itinerários*. Em primeiro lugar, temos o estudo de um conto e de uma crônica de Ernest Hemingway de autoria de Luiz Gonzaga Marchezan. Conto – “O velho na ponte” – e crônica – “O bombardeio de Tortosa” – possuem a mesma fonte: o depoimento de um velho sobre “um momento particular da história europeia, o da guerra Civil Espanhola no vale do Ebro.” Na reportagem, o escritor “justapôs as duas forças em confronto”. Na ficção, volta-se para a disposição do protagonista à espera da solução do conflito civil.

O artigo de Edison Bariani intitulado “A maldade na encruzilhada do século XIX: Franklin Távora e *O Cabeleira*” cuida desse romance em que avulta a violência perpetrada pelo protagonista e seus sequazes. Tal comportamento e outras posturas das personagens são vistas como derivadas do legado natural e da educação. No estudo, examinam-se ainda as dificuldades para definir tal narrativa, tida como marco de nosso regionalismo, que, como diz o título do estudo, compõe-se de um cruzamento de “períodos, estilos, tradições e ideologias”.

As resenhas publicadas neste número são também duas. Uma, de Ana Cláudia Silva, apresenta a coletânea organizada por M. C. Ribeiro e M. P. Meneses intitulada *Moçambique: das palavras escritas*. Outra, de Vanessa Chiconeli Liporaci, trata do livro de Ana Paula Pacheco *Lugar do mito: narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa*, escritor cujo centenário de nascimento foi também comemorado em 2008 como foi lembrado.

Procuramos, com este número 29 de *Itinerários*, divulgar uma pequena parte dos estudos acadêmicos de literatura principalmente no que diz respeito a Machado de Assis.

*Maria Célia Leonel*  
*Luiz Gonzaga Marchezan*

